

Brasil não recua e credores

Nova Iorque — Wilson Dias/Agência Brasil

ma JORNAL DO BRASIL

já aceitam conversar

*Ancelmo Gois e
Manoel Francisco Brito*

WASHINGTON — Escorada num plano de reajuste econômico no Brasil que há muito era pedido por bancos e governos credores e o FMI, começa a dar sinais positivos a pregação a que tem se dedicado a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, nestes últimos quatro dias — e cuja mensagem principal é a de que o pagamento de juros atrasados e desembolsos futuros, pelo Brasil, estão subordinados a uma renegociação global da dívida externa que desemboque num acordo duradouro.

Os bancos gritam em público atrás de seu dinheiro mas, diante da calma com que os ministros das finanças dos países desenvolvidos e o diretor-geral do Fundo, Michel Camdessus, têm tratado desta questão, evitando forçá-la para cima do Brasil, eles iniciam uma mudança estratégica de posição, ditada sobretudo pela realidade. “O Brasil começa a convencê-los. Eles continuam arrotando para as arqui-bancadas”, revela uma fonte da delegação brasileira. “Mas, agora, quando sentam com a delegação, mostram-se muito mais educados e dispostos a conversar dentro dos termos estabelecidos por Zélia.”

Os banqueiros, na verdade, apenas seguem o que já fazem aqueles que eles supunham ser seus maiores aliados na queda-de-braço com o Brasil: o FMI e o governo americano. Em público, num tom bem mais brando, um e outro exortam o governo Collor a saldar seus compromissos, embora prefiram fazê-lo dentro de um apelo mais geral para que os brasileiros — cujo plano econômico sempre elogiam — normalizem suas relações com a comunidade financeira internacional.

Camdessus, em seus encontros privados com Zélia, não só a trata muito bem como também já prome-



Zélia: não pedir dinheiro é trunfo na negociação

teu, apesar do que diz aos jornalistas, enviar até outubro a carta de intenções do Brasil para ser aprovada pelo conselho diretor do FMI. Os americanos, assim como os demais funcionários de governos de países industrializados, dispensam à ministra e aos membros de sua delegação a mesma deferência.

Elogios — Zélia ontem, durante o almoço da plenária do Fundo, teve nova experiência deste tratamento. A ela foi designado um assento entre Camdessus e David Mulford, subsecretário do Tesouro americano. Camdessus se atrasou, mas Mulford se encarregou de “rasgar seda” com a ministra, fazendo intermináveis elogios a seu plano econômico e ao comportamento de sua delegação na reunião no FMI.

Camdessus, ao chegar para o almoço, foi recebido com uma pergunta da ministra: “O senhor não estava mais uma vez falando mal do Brasil à imprensa?” O diretor-geral do FMI ficou ruborizado. “De jeito nenhum”, respondeu. Dali em diante,

Zélia só recebeu elogios. “Os dois não se cansaram de dizer para ela não se preocupar, que o Brasil chegaria a um acordo”, conta uma testemunha da conversa.

Além do plano econômico e da coerência, Zélia conta com mais um importante trunfo para “amansar” os banqueiros. “Pela primeira vez o Brasil não chega aqui para negociar o reescalonamento da dívida pedindo dinheiro. A ninguém. Mesmo quando eles querem dar, Zélia recusa”, conta uma pessoa que acompanha há anos as agruras do Brasil na área da dívida. “É óbvio que isso surpreende.”

Os banqueiros agora são obrigados a viver uma situação bem diferente da que existia antes do anúncio do Plano Brady, de redução da dívida, em março do ano passado. A partir daquele instante, os bancos perderam o FMI e os governos credores como polícias de seus empréstimos. E tiveram que adequar suas ações a programas de política econômica mais amplos e menos presos a interesses específicos.